

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

A ECONOMIA DE GUERRA NORTE-AMERICANA NO PERÍODO DE 1939-1945:
ESTRATÉGIA E LOGÍSTICA

Mariana Pereira Jorge de Barros
Número de matrícula: 0016270

Orientador: Márcio Scalercio

Junho de 2004

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

Mariana Pereira Jorge de Barros

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

“(...) as guerras foram visivelmente boas para a economia dos EUA. Sua taxa de crescimento nas duas guerras foi bastante extraordinária, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, quando aumentou mais ou menos 10% ao ano, mais rápido que nunca antes ou depois. Em ambas os EUA se beneficiaram do fato de estarem distantes da luta e serem o principal arsenal de seus aliados, e da capacidade de sua economia de organizar a expansão da produção de modo mais eficiente que qualquer outro. É provável que o efeito econômico mais duradouro das duas guerras tenha sido dar à economia dos EUA uma preponderância global sobre todo o Breve Século XX (...)”.

HOBSBAWM (1995)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Márcio Scalercio, grande profissional, que desde o início da faculdade foi motivo de influência e incentivo para os meus estudos. Agradeço por todo o sólido conhecimento transmitido, pela atenção, disponibilidade e orientação.

Agradeço aos meus pais, que sempre caminharam lado a lado comigo ao longo de toda a minha vida. Minha mãe, pela eterna compreensão, doçura e dedicação, e ao meu pai, por toda sua sabedoria, incentivo e inspiração. Definitivamente, esta jornada não teria sido possível se não tivesse sido acompanhada pelo amor e carinho de pessoas tão maravilhosas como vocês.

Sou grata também ao meu irmão Felipe. Meu maior exemplo de determinação, equilíbrio e amizade. Obrigada por me fazer acreditar que tudo é possível !!!

E por fim, não posso deixar de mencionar o meu querido Carlos Eduardo. Minha fonte inestimável e imensurável de companheirismo, apoio, paciência e amor. Não é possível expressar em palavras toda a minha gratidão. A você, dedico este trabalho.

Índice

Índice de Tabelas -----	5
Introdução -----	6
Capítulo I: Década de 30 – Anos de Depressão -----	8
Capítulo II: Período de 1939 – 1941 -----	15
Capítulo III: Período de 1942 – 1945 -----	26
Conclusão -----	39
Bibliografia -----	41

Índice de Tabelas / Figuras

Figura 1: Nível de Desemprego, 1929 – 1942	9
Tabela 1: Fornecimento do Lend-Lease dos Estados Unidos para o Reino Unido, 1942 – 45	20
Tabela 2: O PNB dos Estados Unidos, 1942 – 1945	28
Tabela 3: Potencial bélico relativo das potências em 1937	30
Tabela 4: Produção de armamentos das potências, 1940 – 1943	30
Tabela 5: Composição do aumento da oferta de trabalho dos Estados Unidos	34
Tabela 6: Fontes do aumento da despesa do governo dos Estados Unidos, 1942 – 1945	35

Introdução

Quando nos referimos aos diversos acontecimentos do século XX, é certo fazermos menção à Segunda Guerra Mundial. Entendida como um dos maiores eventos na história da humanidade, alterou profundamente a estrutura da civilização. Repercutida e combatida em todos os oceanos e em seis dos sete continentes mundiais, envolveu potências devidamente preparadas com exércitos e arsenal bélico jamais visto. Poucos escaparam do sofrimento, sendo difícil medir os custos humanos físicos e mentais provocados por esta guerra.

Tratando-se da Segunda Guerra Mundial, merece destaque especial a participação dos Estados Unidos na mesma. Afinal, foi neste período que os Estados Unidos se firmaram como potência hegemônica, passando por inúmeras transformações econômicas que os renderam tal título. Diferentemente do que ocorria nos demais países em tempos sacrificados de guerras, a economia norte-americana registrou um extraordinário salto neste período, chegando a crescer em média, 10% ao ano.

Muitos concordam que um dos eventos macroeconômicos mais importantes do século XX é a Grande Depressão. De fato, a importância que a influência das lições da Grande Depressão despertaram nas decisões na economia mundial repercute até os dias de hoje. Porém, a mobilização dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial já está bem próxima de ser considerada o segundo evento mais importante na visão de Rockoff (2000).

É neste aspecto que o presente trabalho será desenvolvido, com o objetivo de procurar esclarecer as alterações ocorridas na economia e sociedade norte-americana neste período. A partir de uma análise de história econômica, pretende-se explicar como se deu o avanço da produção norte-americana com a sua entrada no conflito, sendo possível afirmar que a economia norte-americana começou a se reaquecer, mesmo antes dos Estados Unidos entrarem diretamente na guerra. Daremos ênfase em sua “economia de guerra”. Este termo, típico em economias modernas capitalistas, refere-se à mobilização de todas as forças em prol do esforço de guerra.

Tendo em vista as idéias e questões abordadas pelo historiador Eric Hobsbawn, em seu livro *a Era dos Extremos*, “(...) exércitos e guerra logo se tornaram “indústrias” ou complexos de atividade econômica muito maiores que qualquer coisa no comércio privado (...).” Para se ter uma idéia, o pico do dispêndio militar durante o século passado, ocorreu

no período de 1941 a 1945. Em média, 31,9% do PNB estavam comprometidos para as forças armadas. Gastos esses, em trabalho, capital, bens de combates e bens de guerra.

Pautaremos nossa análise na participação norte-americana no conflito de forma direta e indireta. Cronologicamente, faremos primeiramente referência ao início das transformações na economia, política e sociedade norte-americana no período de 1939 até o ataque em Pearl Harbor, em 1941.

Será dada uma visão mais abrangente do princípio da mobilização norte-americana, com ênfase no *Lend-Lease Act* (Lei de Empréstimo e Arrendamento). Esta, dava poderes ao presidente Roosevelt para fornecer suprimentos de guerra sem pagamento a qualquer nação cuja sobrevivência fosse considerada vital para os interesses dos Estados Unidos. Analisaremos detalhadamente como ocorreu o início, a transição e o fim deste programa, que foi considerado fundamental para o rearmamento norte-americano.

Em seguida, discutiremos o período que vai do final de 1941 até 1945. O bombardeio de Pearl Harbor, efetuado pelas forças armadas japonesas, foi o estopim para a entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra. Nesta época, a plena recuperação deste país foi obtida. Analisaremos como esta recuperação foi alcançada, quais foram os recursos utilizados que garantiram a vitória militar dos Estados Unidos e como foi financiado a economia de guerra norte-americana. Faremos ainda uma síntese das conseqüências de curtíssimo prazo da estratégia utilizada e alguns dos efeitos que remodelaram a sociedade norte-americana.

E por fim, terminaremos com uma breve conclusão que se baseará nas características gerais do período estudado. No entanto, a fim de garantir uma visão comparativa dos avanços obtidos pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, devemos inicialmente nos concentrar nos antecedentes, ou seja, nos anos que caracterizaram a Grande Depressão: a década de 30.

I. Década de 30 – Anos de Depressão

Quando pensamos nos acontecimentos econômicos mais marcantes do século XX, não nos escapa a Crise de 1929. A queda nos preços das ações na Bolsa de Valores de Nova York neste mesmo ano foi tida como o marco para anos vindouros de profundo distúrbio: os anos da Grande Depressão. Foram anos caracterizados por intensas crises econômicas em países capitalistas, sendo os Estados Unidos o país originário e epicentro destas.

No entanto, foge ao objetivo deste trabalho analisar as causas para a Crise de 1929 e por consequência, dos anos da Grande Depressão. O que nos interessa neste capítulo é fazer uma breve síntese de como a economia norte-americana se encontrava durante as crises da década de 30 e algumas das fracassadas tentativas de recuperação. Dessa forma, poderemos ter posteriormente uma noção econômica comparativa dos Estados Unidos antes e durante a Segunda Guerra Mundial.

Parte considerável da população norte-americana se encontrava miserável. Muitas famílias de classe média não tinham onde morar e especialmente o que comer. Os negócios andavam mal, sem perspectivas de novos investimentos. Eram poucos os empregos seguros e muitos trabalhadores estavam tendo que se acostumar com o desemprego. Como sabemos, em períodos de crises, dois efeitos econômicos não escapam: queda da renda e aumento do desemprego. E com os Estados Unidos não foi diferente. No período de 1929 e 1932 houve uma queda de 38% na renda norte-americana e a taxa de desemprego registrou os maiores índices até então, chegando a 24%.¹

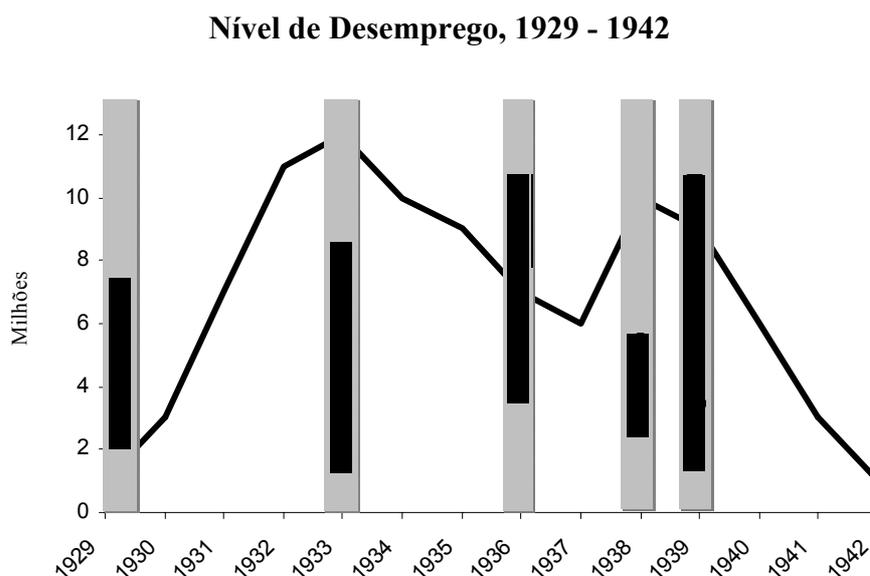
Em 1929, a população estimada que residia nos Estados Unidos era cerca de 122 milhões de habitantes, dos quais, 3,2% estavam desempregados. Com a crise de 1929, a situação foi se agravando consideravelmente. Para se ter uma idéia da dimensão de seus efeitos, em 1933, a população era cerca de 125 milhões de habitantes, dos quais, quase 25% se encontravam desempregados. Esta situação só vai melhorar no ano de 1944, onde dos cerca de 133 milhões de habitantes, apenas 1,2% estavam desempregados.²

Como percebemos, poucos escaparam do sofrimento nos anos da Grande Depressão, mudando assim, o pensamento dos norte-americanos até então. Dada a necessidade, muitos agora estavam dispostos a trabalhar duro nos campos e nas estradas de

¹ Para mais detalhes, verificar GONÇALVES (2000).

² Dados retirados do *Historical Statistics of the United States- Colonial Times to 1957*.

ferro para garantirem a sua sobrevivência. Os muitos mexicanos, que antes trabalhavam nestes setores, tiveram que ser deportados, enquanto que os negros eram sempre os primeiros a perder o emprego. Através do gráfico abaixo, observamos como se deu a evolução do nível de desemprego entre 1929 e 1942. Verificamos também no gráfico as razões históricas desta evolução, que servirá muitas vezes, como base deste trabalho.



Fonte: Divine (1992)

Vale destacar que houve várias tentativas de proteger a economia norte-americana da depressão, como a implementação em 1930, da fracassada Tarifa Smoot-Hawley. Essa tarifa elevou a taxa média dos produtos importados de 33% para 40%, contribuindo dessa forma, para o considerável declínio do comércio internacional norte-americano. Logo, esta política de caráter protecionista acabou por espalhar ainda mais a recessão, prejudicando os países exportadores dos EUA. Inclusive, esta tarifa é vista como um dos eventos, ocorridos entre o outono de 1929 e o final de 1930, que desempenharam um papel proeminente para a propagação da Grande Depressão.³

O estranho da Grande Depressão norte-americana era que as expectativas eram ruins e permaneceram assim por um longo período, de forma que a demanda cessou. Se por acaso, em 1931, as pessoas tivessem tido uma recuperação de suas expectativas, elas

³ Entre os demais eventos que serviram para propagar a depressão, temos além da Tarifa Smooth-Hawley mais quatro: a quebra nas bolsas de valores, a crise bancária, o colapso mundial dos preços das commodities e por fim, o efeito do crédito do consumidor no consumo. Estes cinco eventos fogem do escopo deste trabalho. Portanto, para maior detalhes, ver TEMIN (2000).

passariam a demandar mais e quem sabe, o quadro histórico se inverteria. Mas sabemos que não foi isso o que aconteceu, uma vez que, a crise permaneceu ao longo da década de 30, fazendo com que a depressão norte-americana se tornasse na “Grande Depressão”.

No momento em que se deslanchou a crise, os Estados Unidos estavam nas mãos do governo republicano de Hoover, cuja administração política se pautava em princípios ortodoxos e recessivos. A sua incapacidade de combater a crise era notável em um tempo em que o país passava por grandes mudanças. Portanto, em 1932, o democrata Franklin Delano Roosevelt subiu ao poder, lançando políticas transformadoras, que ficaram conhecidas como o *New Deal* (Novo Contrato).

Porém, antes de darmos início a algumas medidas do *New Deal*, merece devida atenção a discussão sobre como a defesa do padrão-ouro impediu a realização de políticas expansionistas que poderiam amenizar ou até mesmo impedir a Grande Depressão. Como sabemos, existe um grande *tradeoff* entre salvar o padrão-ouro (através da elevação dos juros) e recuperar a atividade econômica (obtida a partir da redução dos juros).

Em 1931, vários países europeus sofreram corridas às suas moedas. Começando pela Áustria, sendo imediatamente seguida pela Alemanha e depois, pela Inglaterra. A fim de manter o câmbio, a Inglaterra resolveu intervir diretamente comprando libras ao invés de aumentar a taxa de juros. Porém, o *Bank of England* necessitava de reservas para fazer as suas aquisições, que acabaram sendo emprestadas pelos Estados Unidos e França. No entanto, isto de nada adiantou, dado que estas reservas ficaram escassas rapidamente. Assim, em 20 de setembro de 1931, o Banco Central inglês resolveu suspender a paridade libra-ouro. Portanto, a Inglaterra, seguida pela Alemanha, resolveram suspender o padrão-ouro.

Quando a libra foi desvalorizada, é natural que os investidores estivessem convictos de que o dólar fosse ser a próxima moeda a sofrer com este efeito. Por conseguinte, o dólar foi atacado, ou seja, as pessoas passaram a vender dólares. Mas o *FED* resolveu não ceder às pressões, e aumentou os juros. Por um lado, essa decisão foi positiva na medida em que atraiu capital estrangeiro, mas por outro, desaquece a economia. E como os Estados Unidos já estavam em depressão, a elevação dos juros só fez agravá-la ainda mais.

E assim foi a escolha de Hoover, elevar os juros para salvar o padrão-ouro. Roosevelt quando assume o governo resolve abolir o padrão-ouro, pois sua preocupação central era a recuperação da atividade econômica. Em 1932, o *FED* colocou mais moeda na economia. Ou seja, as taxas de juros diminuíram, prejudicando dessa forma os bancos

que eram detentores de títulos. Sair do padrão-ouro interferiria positivamente na economia. Podemos inclusive citar três vantagens nisso: primeiro que é uma boa sinalização para as expectativas, segundo que se pode reaquecer a economia através de uma expansão monetária e por fim, com a desvalorização, os preços ficam mais baratos, implicando no aumento do nível de exportações.⁴

A política do *New Deal* tinha como objetivo primordial defender o capitalismo por intermédio de novas providências, através do aumento da participação do governo na sociedade norte-americana, assim como interromper o processo de crise na qual o país se encontrava. Vale ressaltar que este regime político revelou um certo caráter intervencionista, já que envolveu o governo nas questões de agricultura, de indústria, de transações bancárias, no estabelecimento de salários, entre outros. Ela introduziu o governo na capacidade administrativa da atividade econômica, ao invés de promover uma expansão keynesiana. Aliás, este é um ponto interessante, uma vez que o governo se recusava a aumentar os seus déficits dada a situação em que se encontrava o país no momento. Analisaremos as principais medidas desta política, tendo muitas vezes como referência, Peter Temin (2000).

Em fevereiro de 1933, o presidente Roosevelt começou uma série de discussões sobre a desvalorização como parte do esforço para aumentar os preços das *commodities*. Isto permitiria o pagamento das dívidas e a revalorização dos estoques de salários, aumentando, assim, o poder aquisitivo da sociedade e os lucros dos empresários. Foi desenvolvida uma política de inflação moderada. Na luta contra o desemprego, iniciada desde abril de 1933, o Governo Federal passou a conceder créditos aos Estados para a distribuição de seguros aos desempregados.

A adoção da primeira medida se deu em junho de 1933, com o intuito de recuperar os bancos nacionais. Roosevelt assinou o *The Glass-Steagall Act of 1933*, também conhecido como o *The Banking Act of 1933*. O objetivo dessa lei era separar os bancos comerciais dos de investimento a fim de garantir a estabilidade do sistema bancário. Antes da depressão, os grandes bancos norte-americanos eram caracterizados pela união desses dois tipos de bancos. A estrutura bancária dos Estados Unidos estava a beira do colapso devido a inúmeras corridas bancárias ocasionadas pelos clientes, que perderam totalmente a confiança no sistema. Portanto, sua primeira medida foi a de que todos os bancos fossem, inicialmente, fechados. Foi criada uma nova legislação bancária que pressupunha ajuda do

⁴ Para uma discussão mais detalhada, veja EICHENGREEN (1996).

governo aos bancos, além de supervisão e controle. Dessa forma, o governo dava garantias aos novos bancos, tendo como consequência imediata, a recuperação da confiança das pessoas nos mesmos. Com isso, a crise bancária havia desaparecido.

Em acréscimo à separação entre os bancos comerciais e de investimento, o *Glass-Steagall Act* também introduziu uma espécie de seguro ao depósito federal. A lei administrou a formação do *Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC)*, que assegurava os depósitos dos bancos membros do *Federal Reserve Bank (FED)*. O *FDIC* deveria ter começado as suas operações em 1934, mas só entrou em vigor um ano depois, em 1935. No longo prazo, essa agência do governo de seguro para depósitos elevou claramente a estabilidade do sistema bancário. De fato, o *FDIC* preveniu as corridas bancárias que haviam caracterizado o início dos anos 30. Porém, se de um lado ele obteve efeitos positivos, por outro, ele gera o problema de risco moral.

Uma das mais bem sucedidas medidas do *New Deal* foi a implementação da Lei do Vale do Tennessee (*Tennessee Valley Authority – TVA*), de 1933. Esta região (ou seja, os sete estados no curso do Rio Tennessee), acabou tornando-se um pólo industrial próspero, uma vez que o Estado passou a investir na construção de grandes obras públicas. Construções civis estas, que produziram energia abundante e barata, controlavam as inundações, além de facilitarem a navegação fluvial.

O *New Deal* se constituía de dois principais programas, que foram lançados durante o que ficou conhecido como o *First Hundred Days* (os Cem Dias). Vale notar que durante esses cem dias iniciais de 1933, Roosevelt enviou grandes projetos ao Congresso, que os aprovou imediatamente na forma de novas legislações, que reorganizaram a vida norte-americana. Um desses programas destinava-se à recuperação agrícola, enquanto o outro à recuperação industrial. É curioso ressaltar que o *New Deal* não restringiu a sua atenção somente à indústria, tendo a agricultura uma grande parcela de importância. Inclusive, a Lei de Ajuste Agrícola (*Agricultural Adjustment Act – AAA*), foi passado em 1933, antes mesmo da Lei de Recuperação da Indústria Nacional (*National Industrial Recovery Act – NIRA*).

A filosofia da Lei de Ajuste Agrícola (*AAA*), era permitir ao governo o controle da produção de mercadorias agrícolas. Por restringir a produção dos fazendeiros através de um subsídio, os *policy makers* esperavam aumentar os preços agrícolas com o objetivo de providenciarem no ano de 1933 o mesmo poder aquisitivo disponível aos setores rurais antes da Primeira Guerra Mundial, em 1914. No entanto, o *AAA* começou devagar dado

que a lei foi passada depois que diversas colheitas já haviam sido plantadas. Mais tarde, acabou funcionando bem, melhorando a eficiência da agricultura norte-americana. Porém em 1936, esta lei foi declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal, mas o Congresso conseguiu reavê-la de forma modificada neste mesmo ano.

Já a lei de Recuperação da Indústria Nacional (*NIRA*) induzia os patrões e empregados a cooperarem de forma voluntária, fazendo acordos no que diz respeito às definições dos salários, às normas de trabalho, e outras condições de emprego. A intenção nas indústrias era garantir aos trabalhadores um salário que suprissem suas necessidades, além de garantir um mínimo de lucro para as indústrias. Sua aplicação teve sucesso parcial. Por um lado, aperfeiçoou as condições de trabalho, mas por outro, acabou restringindo o emprego na medida em que salários mais elevados estavam sendo fornecidos. O *NIRA* acabou tendo como efeito o aumento dos salários, assim como dos preços. Outra causa para o seu fracasso refere-se à ganância de cada grupo e de seus interesses individuais. De um lado, os empresários queriam estabilizar a produção e elevar os preços de seus bens, e de outro, o interesse do movimento trabalhista em dar garantias de negociação coletiva através dos sindicatos.

Em maio de 1933, foi aprovado pelo Congresso um programa que distribuía verba aos estados com a finalidade de ajudar às pessoas e às famílias necessitadas. A *Reconstruction Finance Corporation (RFC)* teve como seu dirigente o ex-assistente social Harry Hopkins.

Inúmeras outras medidas foram criadas ao longo da década de 30. No ano de 1935, Roosevelt criou o *Work Progress Administration (WPA)*, para esforços de assistência através do fornecimento de emprego para qualquer indivíduo, especializado ou não. No mesmo ano, foram também criadas a Lei da Previdência Social e a Lei Nacional de Relações Trabalhistas, entre outras.

No entanto, não devemos nos iludir com este programa. Apesar do *New Deal* ter transformado a vida dos norte-americanos e de seu governo, ele não estabeleceu a plena recuperação. De fato, ele despertou o otimismo e a esperança de uma solução em tempos de crise, mas a depressão ainda durava. Apesar do PNB ter aumentado rapidamente depois de 1933, o desemprego se manteve acima de 15% até 1940.

Em suma, a recuperação da década de 30 tem dois aspectos. Quando medimos em relação ao crescimento da renda, estamos tratando do aspecto positivo. O PNB subiu um

terço de 1933 a 1937. Porém, medindo em termos da redução do desemprego, a recuperação ainda deixava muito a desejar.

II. Período de 1939-1941

Concluimos ao final do capítulo anterior que a economia norte-americana estava bastante debilitada nos anos de 1939 e 1940, graças aos anos que constituíram a Grande Depressão. No final da década, o país ainda passava por períodos de recessão em diversos setores, como o agrícola e o industrial. O desemprego ainda continuava alto e havia uma possível ameaça de uma nova crise.

Entretanto, o esforço militar norte-americano que se iniciou neste período eliminou de forma definitiva a ameaça do surgimento de uma nova crise. Não devemos esquecer que os países europeus já se encontravam em guerra desde setembro de 1939, e por isso, aumentava cada vez mais a demanda por armamentos e produtos industrializados. À medida que a guerra se intensificava e se aproximava aos olhos dos norte-americanos, foi provocada uma corrida armamentista cada vez mais ativa. Esse fator foi essencial, uma vez que, acabou servindo de grande estímulo para a retomada do crescimento da produção norte-americana. Portanto, o capítulo em questão tem como objetivo analisar a transformação drástica na economia dos Estados Unidos no período de 1939 até o ataque dos japoneses em Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941.

No final da década de 30, podemos perceber por um lado que o *New Deal* de Roosevelt recuperou parcialmente os efeitos da Grande Depressão, mas por outro, gerou inúmeras controvérsias. Em 1939, a oposição ao programa ficou tão forte no Congresso, que qualquer extensão das reformas do *New Deal* teriam sido bastante diferentes das estabelecidas no início do programa. Em todo o caso, quando a guerra estourou em setembro de 1939 na Europa, Roosevelt se viu na necessidade de reordenar as suas prioridades. Convencido de que poderia apenas liderar uma questão de cada vez, resolveu bloquear suas reformas domésticas e mudar questões como defesa nacional e política externa para o topo de sua agenda.

Neste contexto, o presidente esperava melhorar as suas relações com os grupos que se opunham à política do *New Deal*, mas que apoiavam as suas políticas externa e de defesa. Com isso, ele se reaproximou do setor empresarial que esteve sufocado ao longo da década de 30. Mas a fim de expandir seu programa de defesa nacional, o envolvimento efetivo e a cooperação dos interesses desses empresários se tornavam necessário. Então, em 1940, Roosevelt anunciou o *National Defense Advisory Commission*.

No verão desse mesmo ano, na medida em que as apropriações militares se elevaram e o déficit federal também, a administração de Roosevelt resolveu estimular o Congresso a aumentar os impostos. Originalmente, o presidente e o Secretário do Tesouro de então, Henry Morgenthau Jr., eram a favor de um programa de imposto progressivo, que confiscaria os ganhos excessivos obtidos com os gastos em defesa. Mais tarde, o presidente se convenceu a aceitar uma política de arrecadação, cujos os fundamentos diferiam substancialmente da proposta inicial de taxaço progressiva.

A primeira e a segunda lei de arrecadação promulgadas em 1940 (*First and Second Revenue Acts of 1940*), garantiam concessões substanciais ao setor empresarial. Tal fato demonstra que o presidente Roosevelt acabou cedendo às pressões exercidas pelos lobistas da indústria de armamentos, que ameaçaram não assinar os contratos de defesa. Ou seja, ele capitulou diante das pressões corporativistas daqueles que clamavam por lucros excessivos, pela necessidade de induzir a produção de armamentos.⁵

Apesar do governo de Roosevelt ter autorizado, em 1933, o início de algumas construções navais, o aspecto isolacionista norte-americano e a ainda presente crise econômica da depressão, fizeram com que a expansão militar norte-americana ficasse reduzida ao seu mínimo. Os Estados Unidos procuraram manter sua neutralidade nos dois anos que se seguiram às guerras na Europa e na Ásia. Mas uma certa preferência pelos Aliados foi revelada, dado que existiam políticas de ajuda para países tais como a Inglaterra, França e China. Roosevelt teve que agir devagar e indiretamente.

Na medida em que a campanha de reeleição prosseguia, o presidente e o Congresso se mexiam na tentativa de remediar a fraqueza militar norte-americana, introduzindo o recrutamento e estendendo ajuda especialmente para o Reino Unido (através do *Lend-Lease*, que ainda analisaremos mais detalhadamente). Vale notar que o recrutamento foi dado pelo o que ficou conhecido como o *Selective Service System*. Esta foi a primeira convocação de pessoas para as Forças Armadas, aprovado pelo Congresso em setembro de 1940. Sobre o *Selective Service Act*, todo o cidadão norte-americano do sexo masculino, com idade entre 21 e 36 anos, tinha que ser registrado. Em novembro de 1942, as idades eram entre 18 e 45 anos. Daqueles inscritos, apenas alguns eram selecionados a servir por cerca de um ano. Inicialmente, a prorrogação era garantida para estudantes, mas isso cessou em julho de 1941. Depois de Pearl Harbor, as restrições territoriais foram removidas e durante a guerra, um total de 10 milhões de homens foram alistados, com oficiais tendo

⁵ Análise baseada em CHAPMAN (1995).

que servir em média por 39 meses. Esta lei também proibia a discriminação racial durante o recrutamento e o treinamento.

Roosevelt criou, em janeiro de 1941, uma nova agência denominada *Office of Production Management*, com o objetivo de acelerar a produção de defesa. Esta nova agência tinha maior liberdade de ação e autoridade do que o seu precedente (que era a *National Defense Advisory Commission*). Ela assegurava que tanto os empresários como a classe trabalhadora fossem representadas no programa de defesa nacional. Mas vale notar, que não se tratava de uma organização para mobilização muito compreensiva. Roosevelt ainda se recusava a estabelecer um ministério de fornecimento para a mobilização de guerra.

Porém, no verão de 1941, quando o rearmamento norte-americano ainda não tinha engrenado significativamente, estava ficando cada vez mais óbvio que a produção civil deveria ser restringida para aumentar a produção industrial. Para piorar, o presidente teve que lidar com os atritos entre os departamentos do executivo e do legislativo do governo e entre poderosos grupos privados de interesses competitivos.

Um dos fatores mais marcantes deste período, e que merece atenção especial, refere-se ao *Lend-Lease Act* (Lei de Empréstimos e Arrendamento). O *Lend-Lease* era um programa pelo qual os Estados Unidos providenciava boa parte de sua ajuda para as nações que lutavam contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Esse nome provém de que a intenção deste programa era sugerir que as armas seriam emprestadas ou arrendadas temporariamente para os futuros aliados, e teriam que ser devidamente devolvidas assim que a guerra terminasse. Mas devemos primeiramente ter em mente que este foi um programa que inicialmente recebeu grande relutância para a sua aplicação. Compreenderemos o por que a seguir, tendo como base principal Kimball (1995).

Como sabemos, os Estados Unidos estavam baseados em uma política isolacionista por conta da crise internacional da Grande Depressão e por tal, estavam relutantes em se envolver nas crises européias. Existe ainda outro motivo longínquo para esta atitude, que vem com a frustração norte-americana depois da Primeira Guerra Mundial. As ações européias pós 1918 eram vistas pelos Estados Unidos como uma rejeição da liderança norte-americana, explicando assim o comportamento adquirido desde então.

As ameaças de Hitler e de Mussolini em meado da década de 30 fizeram com que o país adotasse políticas mais rígidas. Para prevenirem a nação de ser introduzida na guerra européia assim como aconteceu em 1917, o Congresso arquitetou uma série de barreiras

legislativas caracterizadas como uma expressão do isolacionismo norte-americano, que ficaram conhecidas como os *Neutrality Acts*. Foram três no total, uma em 1935, uma em 1936 e por fim, em 1937. As duas primeiras eram temporárias, enquanto a última tinha a intenção de ser permanente. Entre os seus principais objetivos, temos a proibição de qualquer empréstimo ou crédito a um beligerante, além de declararem que se alguma guerra ameaçasse a segurança dos Estados Unidos, um embargo de armas seria trazido à tona.

Roosevelt tentou emendar, sem sucesso, esta lei durante a primeira metade de 1939. Porém, com a erupção da guerra na Europa em setembro e a vontade de ajudar a França e a Inglaterra, a modificação desta lei foi realizada. Apesar desta nova lei ainda proibir os empréstimos aos beligerantes, ela se baseou no que foi chamado de *cash-and-carry*, que permitia a aquisição de armas, munições e utensílios de guerra mediante pagamento à vista e a transportação seria realizada em navios que não fossem norte-americanos. Inclusive inicialmente, navios norte-americanos eram proibidos de navegar nas zonas de guerra. Isto só foi modificado depois através de uma emenda que admitia que navios mercantis armados dos Estados Unidos navegassem pelas zonas de guerra para o Reino Unido. Os ingleses e franceses se beneficiaram com estas modificações das leis, assim como a economia norte-americana. Vale ressaltar que o maior fluxo de ajuda foi dado à Inglaterra. A ex-União Soviética também estava entre os principais receptores dessa ajuda, ficando em segundo lugar. Países tais como Brasil, Chile, Egito, China entre outros, também receberam essa ajuda.

Os efeitos da depressão e da guerra se refletiam na enfermidade do comércio internacional. Com isso, as democracias européias se encontravam escassas de dinheiro, prejudicando o mecanismo de compras de bens de guerra adotado até então, ou seja, o de *cash-and-carry*. Para agravar mais ainda a situação, a Inglaterra se viu enfrentando sozinha a Alemanha e a Itália, graças à rendição francesa em junho de 1940. Mesmo assim, apesar dos *Neutrality Acts*, a Inglaterra ainda era a beneficiada sobre a Alemanha nesta história toda. Isto acontecia porque a Alemanha tinha uma maior carência de reservas em dólares, assim como pouca ou nenhuma liberdade de movimento para embarque na superfície do Atlântico.

Além dos *Neutrality Acts*, havia ainda outra barreira que era o *Johnson Debt-Default Act*. Esta proibia as nações de pegarem dinheiro emprestado caso as suas dívidas,

provindas da Primeira Guerra Mundial, não tivessem sido pagas. Aliás, a única nação que tinha pago todas as suas dívidas era a Finlândia.

Havia duas discussões sobre esta questão. Por um lado, os Estados Unidos faziam vista grossa em não ajudar numa situação com alta probabilidade de se espalhar. Por outro, a ajuda norte-americana significaria o seu envolvimento no conflito, e essa idéia encontrava forte oposição doméstica.

A situação da Inglaterra era desesperadora e em 15 de maio de 1940, o Primeiro-Ministro Winston Churchill enviou uma mensagem pessoal a Roosevelt, solicitando que os Estados Unidos emprestassem temporariamente cerca de 50 *destróieres*⁶, enquanto os navios de guerra ingleses ficassem prontos. Alegando que não teria a aprovação do Congresso, Roosevelt respondeu ao pedido negativamente. Não obstante, Churchill continuou pressionando e assegurando a determinação de sua nação para a vitória, deixando Roosevelt cada vez mais flexível, especialmente depois de ter sido nomeado para o seu terceiro mandato em julho de 1940. Desse modo, em dezembro de 1940, Roosevelt transparecia preparado para agir, sugerindo dar os recursos que a Inglaterra desejava, sem ter que enviar as tropas norte-americanas para lutar na Europa. A população norte-americana parecia confortada com a idéia de proteger sua segurança sem ter que se envolver diretamente na guerra.

O programa foi um sucesso notável para os aliados dos Estados Unidos. A produção de guerra norte-americana se expandiu no que podemos chamar de uma revolução econômica. Esse programa de ajuda foi crucial para o esforço de guerra. As munições deste programa armaram soldados no outro lado do mundo, a sua comida ajudou a manter a frente interna de Londres até Nova Delhi. O *Lend-Lease* providenciava os meios e a organização da entrega dos bens. Na verdade, a logística de entrega do *Lend-Lease* era tão crucial para o sucesso do programa assim como a produção. Governar a logística tem princípios importantes. A sua operação tem que ser mantida o mais simples possível, além de ser flexível caso seja sujeito a alguma mudança repentina. Essencialmente, tem que mirar para o esforço de guerra. Através da tabela abaixo podemos verificar o fornecimento de suprimentos de guerra dos Estados Unidos para o Reino Unido, o seu principal receptor, no auge da guerra.

⁶ Navios encarregados de escoltar comboios transatlânticos. Sua diretriz primária era acompanhar e proteger os outros navios dos ataques dos submarinos alemães. As perdas no Atlântico diminuíram muito com a ajuda dos *destróieres*. No Brasil, tais navios são denominados contra torpedeiros.

Fornecimento do Lend-Lease dos Estados Unidos para o Reino Unido, 1942-45
(Porcentagem do total da produção norte-americana)

	1942	1943	1944	1945 *
Aeronaves e equipamento	12,4	11,9	13,5	11,8
Navios, equipamentos e reparos	5,5	11,8	6,7	5,4
Artilharia e munição	10,4	10,0	8,8	4,6
Veículos e equipamento	9,8	26,7	29,4	12,1
Todas as munições	7,6	11,2	11,7	7,6
Gêneros Alimentícios	4,3	4,4	5,4	3,9
Outros produtos agrícolas	4,3	5,6	4,4	5,0
Maquinaria	2,6	5,7	7,1	4,2
Metais	3,9	4,2	3,4	3,5
Outros bens manufaturados	0,7	0,6	1,1	0,7

* os seis primeiros meses

Fonte: Milward (1979)

A partir desta análise, verificamos quais foram os bens transportados e suas devidas proporções. Percebemos que veículos foram a maior parcela a ser entregue nos anos de 1943 e 1944, ficando o setor de aeronaves em segundo lugar.

É interessante ressaltar que somente as forças armadas britânicas e americanas tiveram a oportunidade de reabastecer de forma tática as suas tropas por meio de transporte motorizado. Em contrapartida, o exército alemão era deficiente em transporte motorizado, dado que a indústria germânica pesada teve que devotar boa parte de seus recursos à manufatura de tanques, submarinos e aviões. Sendo assim, os alemães acabaram utilizando mais cavalos durante a Segunda Guerra do que a Primeira. Contribuindo ainda mais para esse fator, podemos citar a falta crônica de combustível na Alemanha. No entanto, esse não era um problema para os Estados Unidos, dada a capacidade incomparável de suas indústrias petrolíferas e automobilísticas. Os recursos americanos pareciam não ter mais fim, sendo possível suprir amplamente com todo o combustível e caminhões de que fora

preciso, não somente o exército e a marinha norte-americana, assim como equipar o Exército Vermelho. Foi proporcionado assim, os meios para avançar de Stalingrado a Berlim.⁷

Basicamente durante a Segunda Guerra Mundial, tanto o Japão como os Aliados da parte oeste, operavam boa parte do tempo a uma certa distância de sua base doméstica. A sua confiabilidade provinha do reabastecimento pelo mar. As comunicações marítimas eram cruciais para manter as economias de guerra desses países, especialmente do Japão e da Inglaterra que são ilhas. As comunicações dadas através do Atlântico eram vitais no caso do Reino Unido. A escolta dos comboios que carregavam o material do *Lend-Lease* produzidos pelos Estados Unidos para os britânicos, usava essa mesma rota marítima. Isto permitia a sobrevivência e a sustentação do esforço de guerra britânico. O material de *Lend-Lease* levado para a ex-União Soviética era feito através dos chamados comboios árticos, sendo levados do Reino Unido pelo Mar da Noruega e Mar de Barents ao seu destino. Tinham também a alternativa de serem levados dos Estados Unidos para o Golfo Pérsico e dali para uma nova ferrovia construída da Pérsia até a ex-União Soviética.

É importante ressaltar que uma forma de entender a Segunda Guerra Mundial é apreciar o papel crítico que a marinha mercantil desempenhou. Durante todo o conflito, a disponibilidade ou não do embarque mercantil determinava o que os Aliados podiam ou não fazer militarmente. Devido aos estaleiros norte-americanos fornecerem o transporte, a indústria norte-americana se sobrepôs às das suas inimigas alemãs e japonesas. Entre o período de 1941-1945, os estaleiros norte-americanos construíram mais de 51 milhões de toneladas de marinha mercante. Com o processo revolucionário de pré-fabricação, um navio poderia ser construído em quatro dias e quinze horas, lançando-se em média por dia, cerca de três navios ao mar.⁸ Não é à toa que ao final da guerra, os Estados Unidos eram a primeira marinha do mundo, superando a antiga esquadra inglesa. Eles detinham metade do transporte marítimo mundial.

As aeronaves do *Lend-Lease* sobrevoavam o Atlântico, sendo geralmente guiados por pilotos civis. Inclusive sendo algumas vezes guiados por mulheres. Estima-se que cerca de 10.000 aeronaves norte-americanas foram entregues ao Reino Unido. Outros países tais como a ex-União Soviética, o Canadá, a Austrália, Nova Zelândia e China também receberam a ajuda aérea norte-americana. No final, cerca de 300.000 foram construídos e

⁷ Para maior detalhes, ver KEEGAN (1995)

⁸ Dados retirados de KEEGAN (2001).

distribuídos a um custo de US\$ 45 bilhões entre os Estados Unidos e os demais países. Destes, 90 mil foram construídos apenas em 1944.⁹ Vale destacar que bombardeios de saturação de área¹⁰ eram os preferidos da força aérea norte-americana.

É claro que todas essas medidas desagradaram os alemães, que reagiram através da expansão da área de atividade de seus submarinos. Estava ficando cada vez mais freqüentes os conflitos entre os submarinos alemães e as embarcações de patrulha norte-americanas no Atlântico. Isso levou Roosevelt a declarar uma emergência nacional ilimitada em maio de 1941, diante da guerra de submarinos germânicos. Logo, em junho do mesmo ano, todos os consulados alemães nos Estados Unidos foram fechados e os bens alemães confiscados.

Isso leva a outra questão que merece ser brevemente discutida, que diz respeito a forte necessidade de solucionar o problema da proteção aérea dos comboios a fim de enfrentarem os devastadores ataques dos submarinos germânicos. Isso levou os norte-americanos e os britânicos a estudarem a possibilidade de construir porta-aviões, consideradas a mais letal arma naval. Os pequenos porta-aviões cumpriam o papel de navios escoltas, atacando os submarinos que se encontravam fora do alcance dos aviões com bases na costa. Nos Estados Unidos, eles começaram a ser construídos em grandes quantidades.

Vale destacar também que as armas novas estavam cada vez mais caras e de difícil obtenção. Com a introdução do radar pelos ingleses e pelo melhor equipamento de rádio, houve um aperfeiçoamento dos instrumentos de navegação e equipamento de detecção anti-submarino. Estava sendo criado um novo contexto econômico-tecnológico, na qual se estabelecia diferentes padrões de rearmamento entre as grandes potências.¹¹

Inclusive, no início de 1943, ocorre a reviravolta da guerra no Atlântico. A tecnologia anti-submarinos dos Aliados chegara a um elevado grau de aperfeiçoamento, onde todos os submarinos alemães estavam sendo destruídos em quantidades crescentes. Assim, a frota de submarinos alemães já não podia mais se defender de maneira adequada contra o crescente número de aviões e navios dos Aliados.

A guerra gerou não apenas exércitos e indústrias, assim como ciência e tecnologia. O mais importante avanço tecnológico obtido durante a guerra foi o primeiro computador

⁹ KEEGAN (2001).

¹⁰ Também conhecidos como bombardeio de tapete, eram menos arriscados do que o bombardeio de precisão, dado que poderia ser realizado durante a noite. Esses bombardeios afetaram a produção industrial e desviaram recursos alemães.

¹¹ Para mais detalhes, KENNEDY (1989)

eletrônico programável¹², que foi projetado para calcular tabelas de artilharia. Porém a culminação do processo tecnológico veio com o monopólio da bomba atômica em 1945 pelos Estados Unidos. Foi uma alternativa, consequência de um esforço paralelo, os que permitiram a guerrear na frente dos demais.

Nesse contexto, vale destacar que a inteligência norte-americana também foi de fundamental importância para a garantia da vitória militar. Na Segunda Guerra Mundial, o andamento da inteligência militar norte-americana dependeu menos dos tradicionais métodos de espionagem e reconhecimento clandestino, e mais em tecnologias sofisticadas de escutar às escondidas (*eavesdropping*) e na inteligência de comunicação. Esta última era dividida em análise criptográfica (decifrar códigos), e em análise de tráfico (leitura das comunicações dos inimigos e identificação dos modelos de transmissão de rádio). É importante citar também a importância da inteligência meteorológica, que permitiu que os ataques aéreos fossem realizados com a máxima eficácia. Eram geralmente requisitados pelas Forças Aéreas norte-americanas e britânicas, onde se usavam meteorologistas aerotransportados para voarem na frente com suas aeronaves, e reportarem as condições climáticas dos alvos intencionados.

Contudo, negociações requerem benefícios para ambos os lados e com os Estados Unidos não seria diferente. Sendo assim, o programa de *Lend-Lease* começa a ter um caráter político. O Departamento de Estado norte-americano insistia que o Reino Unido abrisse os seus mercados para comércio irrestrito. O negociador britânico de então, John Maynard Keynes, teve que concordar com esta requisição, dado que o Reino Unido se encontrava tão dependente dos Estados Unidos para ajuda econômica em tempos de guerra e de pós-guerra também. Houve também, é claro, uma série de outras formas de compensação pelas armas de *Lend-Lease*, como o direito às bases militares britânicas. Vale lembrar que as exportações britânicas que usavam os acessórios obtidos com *Lend-Lease* e que poderiam competir com as exportações norte-americanas eram proibidas.

A história deste programa com relação à ex-União Soviética teve inicialmente os seus problemas. Apesar dos Estados Unidos terem ajudado simbolicamente antes disso, apenas meses depois da invasão alemã, ocorrida em junho de 1941, é que este país foi aceito como um candidato qualificado para receber o *Lend-Lease*. Eles haviam decidido que nenhuma ajuda significativa chegaria ao país antes que a batalha por Moscou, conhecida também como a operação germânica *Barbarossa*, fosse decidida.

¹² o *ENIAC* (*Electronic Numerical Integrator and Computer*).

Porém, para Roosevelt, esse programa de ajuda à ex-União Soviética ia além dos objetivos de esforço de guerra. De fato, os estrategistas norte-americanos sabiam que a derrota de Hitler pelo Exército Vermelho só poderia acontecer caso o combate se desse no campo de batalha. Portanto, os soviéticos tinham que concentrar sua produção onde eram mais eficientes. E a existência do *Lend-Lease* permitiu isso. Mas a existência desse programa à Ex-União Soviética também aspirava, na mente de Roosevelt, fazer da grande aliança uma experiência educacional para os bolchevistas, uma vez que, estes permaneciam constantemente excluídos das relações internacionais.

Assim, a população da ex-União Soviética ficaria em contato direto com os norte-americanos. Neste caso, o *Lend-Lease* era de certo modo uma forma de demonstrar os benefícios do sistema norte-americano, tentando convencer aos líderes bolchevistas de que democracias liberais poderiam e deveriam merecer confiança. Essa atitude acabou dando um certo privilégio à ex-União Soviética, colocando-os em uma categoria especial do programa. Foi prometido aos soviéticos tudo aquilo que eles requisitassem, o que acabou muitas vezes criando desavenças. Isso acontecia porque nem sempre era possível entregar os bens exigidos, seja por falta de condições na produção norte-americana ou simplesmente pela insuficiência de recursos de entrega.

Esses equívocos se tornaram cada vez mais constantes, sendo somados às reclamações dos diplomatas norte-americanos que acreditavam que os soviéticos não estavam dando o merecido crédito pela ajuda do *Lend-Lease*. Esse episódio acabou servindo para a deterioração da imagem do *Lend-Lease* como um programa bem-sucedido e popular, para mais um argumento para a Guerra Fria.

Outras discussões também acabaram se engajando em mais um argumento para a Guerra Fria. Por exemplo, a administração do governo de Truman exigiu à ex-União Soviética, ao final da guerra, o pagamento de todos os suprimentos não-militares, especialmente pelo o grande número de navios. Os soviéticos se negaram a pagar, dado que a quantia era bastante elevada, se oferecendo a negociar. Esta atitude acabou sendo levada ao extremo, definindo-se como mais um argumento. Também após o final da guerra, ou seja, pós-guerra, alguns norte-americanos começaram a acusar o Reino Unido de usar o programa de *Lend-Lease* para administrar com economia e prudência os seus próprios recursos e assim, ganhar competitividade. Esses fatores acabaram por levar ao que ficou conhecido como o segundo estágio do programa, que tinha como base a reconstrução pós-guerra dos argumentos do originário *Lend-Lease*, só que delineando restrições.

A segunda conferência de Quebec (cujo apelido é *Octagon*), ocorrida de 12 a 16 de setembro de 1944, pretendia discutir uma futura estratégia dos aliados. Roosevelt e Churchill estavam presentes junto com seus assessores militares e diplomáticos. Entre o que ficou combinado, temos que Churchill ofereceu uma frota britânica para operar com os norte-americanos na guerra do Pacífico. Também ficara estabelecido que o Reino Unido continuaria a receber o *Lend-Lease* enquanto a guerra com o Japão continuasse.

Roosevelt fez vagas promessas nesta conferência em troca pela concordância de Churchill no *Morgenthau Plan*. Este plano tencionava dividir a Alemanha em dois estados (a do norte e a do sul), depois de ser despojada do território que havia adquirido. Não haveria demandas por reparos financeiros, pois isto implicaria que parte da força industrial alemã pagaria por isso, e o objetivo era desindustrializar a Alemanha. Anos depois, Churchill confessou que desgostava do plano, mas o aderiu porque necessitava de crédito financeiro adicional.

Mas quaisquer que foram as imprecisas promessas de Roosevelt, Truman com medo da oposição do Congresso e ignorante das ramificações de suas ações, pôs abruptamente um fim ao *Lend-Lease* no dia em que os japoneses se renderam em 15 de agosto de 1945. Foi um sórdido fim para um programa que foi designado a entregar força econômica norte-americana para o esforço de guerra, sem deixar para trás resíduos de dívidas de guerra e recriminações. Apesar do desconforto final ocasionado no Reino Unido e na ex-União Soviética, o programa funcionou.

III. Período de 1942 - 1945

Os Estados Unidos historicamente aderiram a uma política externa isolacionista, e, no período de 1939-41, não foi diferente. Como vimos, apesar da ascendente transformação econômica, a ajuda e participação norte-americana no conflito europeu foi dada de forma indireta e com uma certa neutralidade. Esta política só foi modificada após o ataque a Pearl Harbor. Em dezembro de 1941, a mobilização concreta começou e os anos vindouros se caracterizaram pela plena recuperação da economia norte-americana.

Pautaremos nosso estudo seguindo uma linha de raciocínio semelhante àquela apresentada por Rockoff (2000). Quando tratamos de questões relacionadas à economia de guerra de um determinado país, há três perguntas com que devemos nos indagar. A primeira é como o país em questão conseguiu obter os recursos de que precisava? A partir daí, como foi financiado este esforço? E por fim, quais foram as conseqüências econômicas dessas políticas? Assim, aplicaremos estas questões ao caso norte-americano.

Primeiramente, devemos analisar o que ocorreu com o setor civil durante os anos de guerra. Sabemos que em economias de guerras, a população civil fica a mercê de racionamento via a determinação de cotas de consumo e da fixação dos preços de venda das mercadorias. Para uma avaliação mais profunda das mudanças ocorridas neste setor, torna-se necessário o estudo do produto nacional bruto (PNB). Fazendo a tradicional decomposição do PNB em consumo, investimento, gasto governamental e exportações, chegaremos às seguintes conclusões que se seguem.

Existe uma breve discussão de que os anos de guerra foram melhores para a população norte-americana do que os anos da Grande Depressão. Os norte-americanos comeram mais e melhor durante a guerra do que antes, além da firme imposição do racionamento assegurar que todos estivessem à altura de suas dietas. De fato, o consumo civil aumentou substancialmente durante a guerra, apesar de ter sido espremido no ano de 1942.

No entanto, houve escassez em algumas áreas de consumo, enquanto outros sofreram deteriorações. A produção civil teve que ser sacrificada em prol da obtenção do aumento na produção militar. Como primeiro exemplo, podemos citar a indústria de produção de bens de consumo duráveis, em especial, as que continham metais. Este tipo de indústria foi restringida ao máximo, de modo que todas as fábricas fossem convertidas para

a produção de guerra. Logo, a produção de automóveis parou durante este período. Outro exemplo diz respeito às construções de novas casas ou aos reparos e manutenções das já existentes. A população civil se viu restringida na concretização destas tarefas, tendo que adiar os seus planos para os anos depois da guerra.

Podemos ainda citar outras áreas de consumo que sofreram com a guerra, como a de serviços médicos. Com a ampliação do exército e da marinha, a assistência médica aos civis diminuiu. Isso teve um impacto negativo na população na medida em que muitos acidentes industriais estavam ocorrendo, ao mesmo tempo em que a rápida migração trazia consigo novas doenças para os centros urbanos.¹³

Certos produtos sofreram deteriorações, especialmente os de vestuários. As qualidades das roupas decaíram consideravelmente. Porém, apenas as compras de sapatos foram racionadas, devido à carência de couro e borracha de boa qualidade. O papel também foi racionado durante a guerra, e por isso, os livros tiveram que ser encolhidos em formatos menores. Isso acabou incitando a revolução do *paperback*, iniciado em 1939 com o lançamento dos *Pocket Books*, caracterizados pelo seu preço prudente de 25 *cents* cada da época. De fato, a guerra estimulou o desenvolvimento econômico que ajudou a democratizar a leitura norte-americana.

Um outro grande problema da estabilização econômica durante a guerra refere-se ao controle de preços agrícolas, que foi fonte de grandes controvérsias entre o partido democrata e republicano, no ano de 1942. Os republicanos estavam mais inclinados a apoiar preços agrícolas e renda mais elevadas. Isso acabou refletindo uma certa tendência em direção aos republicanos. Diante desta situação, Roosevelt teve a percepção de que uma vitória militar deveria acontecer rapidamente. Portanto, ele estava disposto a sacrificar reformas sociais e econômicas, e se concentrar quase exclusivamente naquilo que necessariamente garantiriam uma vitória militar rápida.

Olhando por esse lado, a vida da população civil tornou-se mais árdua. Mas, os impactos dos efeitos da guerra foram abafados, uma vez que, as pessoas tinham a convicção de que a guerra era temporária, e que, seus planos de vida seriam apenas adiados. Por outro lado, o consumo corrente podia ser mantido. O consumo de comida se sustentou em níveis bem elevados nos anos de guerra se comparados com os anos da depressão. É curioso ressaltar que o consumo de vitamina C aumentou nesse período como consequência do programa de suplementação alimentar adotado pelo governo.

¹³ Para maior detalhes, ver DEAN (1995) e HARRISON (2000).

A carne foi um dos alimentos racionados durante a guerra. Ficava estabelecido para cada família a quantidade de carne adequada a ser consumida. Mas muitas pessoas tiveram acesso a maiores quantidades de carne. Isso ocorreu devido ao desenvolvimento de mercados negros durante este período. Especialmente durante os últimos anos de guerra, esse tipo de mercado já se encontrava atuando em grandes proporções, e poderia se adquirir diversos outros produtos como pneus e gasolina.

O investimento privado recuou bastante se comparado aos anos anteriores. Já o gasto do governo aumentou consideravelmente nos anos de 1942/43, tendo seu pico em 1944, o último ano antes do término da guerra. Verificaremos claramente isso analisando a tabela apresentada a seguir.

O PNB dos Estados Unidos, 1942-1945 (aos preços de 1958)

	Consumo Pessoal	Investimento Privado Doméstico Bruto	Despesas Governamentais de Bens e Serviços	Exportações de Bens e Serviços	PNB
1942	161,4	21,4	117,1	-2,1	297,8
1943	165,8	12,7	164,4	-5,9	337,1
1944	171,4	14,0	181,7	-5,8	361,3
1945	183,0	19,6	156,4	-3,8	355,2

Fonte: Rockoff (2000)

A impressão geral da tabela acima é que durante esses anos de guerra, a produção se expandiu enquanto o consumo dos civis foi colocado “em espera”. O investimento e as exportações privadas foram espremidos, e houve queda nas exportações privadas.

A produção de fato se expandiu, e é óbvio que houve um aumento da curva de possibilidades de produção. Nos concentraremos por hora nos fatores de produção que permitiram isso: a força de trabalho e o estoque de capital. Porém, podemos destacar como fator mais importante e de caráter crucial para esse avanço na produção o aumento do número de trabalhadores. Para atingir esses níveis altos de produção, os EUA deveriam primeiramente aumentar a oferta de trabalho e modificar algumas diretrizes na composição da mesma.

Começemos pelo estoque de capital. As fábricas que já existiam se converteram para a produção de guerra, e aquelas que foram construídas seriam para o mesmo fim. Um exemplo disso foi a pausa que a Ford fez na fabricação de automóveis para passar a fabricar tanques. É importante notar que após o término da guerra, boa parte dos

equipamentos e das usinas construídas foram reaproveitadas na produção de bens civis. Muitas foram vendidas para firmas particulares a preços de barganha.

É interessante destacar que com o falecimento de Roosevelt em 12 de abril de 1945, seus planos para o pós-guerra estavam concluídos apenas parcialmente. Seu sucessor, Truman, estava incerto sobre quais políticas e decisões a tomar. Durante seus primeiros meses no governo, Truman estava preocupado com os interesses militares e diplomáticos, incluindo a decisão de usar a bomba atômica contra o Japão.

A política de reconversão¹⁴ atravancou os canais entre os departamentos do executivo e do legislativo. Alguns funcionários da administração de Roosevelt tinham um certo impulso parcial para a reconversão antes que a guerra terminasse, de modo que as pequenas empresas pudessem começar a produção civil. Esse arranjo compensaria tais empresas, pois boa parte dos contratos de guerra tinham sido realizados com grandes empresas, e o governo nunca fez uso efetivo das pequenas empresas na produção do esforço de guerra.

Porém, os militares fizeram objeção à reconversão, dizendo que esta medida poderia interferir no esforço de guerra e assim, adiar a vitória. As firmas maiores também se opuseram para essa reconversão parcial, alegando que isso daria às pequenas firmas competidoras uma vantagem inicial na produção para mercados do pós-guerra. Nessa luta pela reconversão, a aliança entre os militares e das grandes empresas prevaleceram.

No quadro a seguir, podemos observar claramente o predomínio do potencial bélico norte-americano já no ano de 1937, em comparação com as demais potências. Os anos que se seguiram, realçaram ainda mais este predomínio. As economias dos demais países já se encontravam superaquecidas, enquanto que os Estados Unidos já tinham uma enorme capacidade excedente, apesar dos anos que caracterizaram a Grande Depressão.

¹⁴ Troca da produção militar pela produção de bens civis.

Potencial bélico relativo das potências em 1937

Estados Unidos	41,7%
Alemanha	14,4%
U.R.S.S.	14,0%
Reino Unido	10,2%
França	4,2%
Japão	3,5%
Itália	2,5%

Fonte: Kennedy (1989)

Através desta análise, introduzimos em seguida uma tabela sobre a produção de armamentos no período de 1940-1943, onde podemos tirar conclusões importantes. A economia alemã funcionou com uma certa tranqüilidade até 1940, mas com o choque militar de Stalingrado, a sua produção foi mais que duplicada em 1943. O Japão, a Grã-bretanha e a U.S.S.R também aumentaram as suas produções, mas nada que comparasse ao surpreendente aumento de mais de oito vezes na produção norte-americana entre 1941 e 1943. Isso significava que em 1943, o total de armas dos aliados fosse mais que três vezes o de seus inimigos, assegurando assim, a vitória militar que depois se verificou.

Produção de armamentos das potências, 1940-1943

(em bilhões de dólares de 1944)

	1940	1941	1943
Grã-Bretanha	3,5	6,5	11,1
U.R.S.S.	(5,0)	8,5	13,9
Estados Unidos	(1,5)	4,5	37,5
Total de combatentes Aliados	3,5	19,5	62,5
Alemanha	6,0	6,0	13,8
Japão	(1,0)	2,0	4,5
Itália	0,75	1,0	-
Total de combatentes do Eixo	6,75	9,0	18,3

Fonte: Kennedy (1989)

O outro fator que analisaremos mais detalhadamente será a força de trabalho. Podemos dizer que a produção norte-americana cresceu por este aspecto devido a uma série de motivos. Entre eles, podemos citar os principais como o aumento da participação feminina e masculina no trabalho, o aumento do número de horas trabalhadas (especialmente nas fábricas que produziam munições), a realocação do trabalho e a redução do investimento privado doméstico.

Com a enorme demanda por trabalhadores de construção para erguer campos, hospitais, fábricas, estaleiros, o desemprego desapareceu entre 1940-1942. O sul dos Estados Unidos, que antes era visto como um cenário pobre e sujo, se tornou o local favorito para a maioria dos campos militares e para muitos estaleiros e trabalhos de munição.

Durante a depressão, o governo se recusava a lutar pelo desemprego através de programas de treinamento para empregos ou subsídios aos salários. No entanto, esta política foi invertida durante os anos de guerra com programas massivos de treinamento. De repente, pessoas semi qualificadas e que abandonaram o ensino fundamental (o segundo grau), se tornaram especialistas qualificados, ou até mesmo, capatazes.

Como ainda havia muito a se fazer, a indústria se viu obrigada a diluir sistematicamente os empregos, ou redesígná-los, de forma que trabalhadores menos qualificados pudessem dar conta do trabalho. Essa atitude foi uma forma de cooperação, na medida em que essa diluição permitiu a contratação de milhares de mulheres, negros, jovens e idosos que estavam em empregos de salários baixos ou desempregados.

A mulher adquiriu um novo papel na sociedade, uma vez que passou a fazer parte do esforço de guerra norte-americano. Isso já era comum nos países combatentes. Pela primeira vez, as proibições que existiam na sociedade para mulheres casadas cessaram. Mães passaram a assumir cargos em usinas de fabricação de munições, cujo trabalho era uma novidade para a sociedade como um todo, dado que boa parte do trabalho de munição era novo. Muitas tiveram que substituir os homens nos serviços ou em trabalhos de fábricas. É curioso ressaltar que o trabalho feminino nas fábricas de produção de bens de guerra já era bastante comum nos demais países, com exceção da Alemanha. Neste, porém, a participação da mulher era bastante limitada no trabalho fabril, dada a visão conservadora do nazismo frente à questão feminina. Desenvolveremos mais esta idéia a seguir.

Segundo a ideologia nazista, a unidade familiar era a base para a estabilidade do estado. A emancipação política das mulheres era considerada um erro, dado que os nazistas acreditavam que a esfera pública da política e das profissões era reservada exclusivamente aos homens. Os limites tradicionais dos domínios da mulher eram representados por *Kinder, Kirche und Küche*, ou seja, crianças, igreja e cozinha. As mulheres estavam confinadas à esfera doméstica.

Porém, a necessidade de mão-de-obra nas indústrias relacionadas com a guerra aumentava e com isso, as alemãs perceberam que o trabalho se tornara inevitável a fim de aumentar o rendimento familiar. Cerca de 7 milhões de mulheres estavam trabalhando em fábricas e escritório no ano de 1939. Mas com a guerra, as mulheres trabalhando na indústria fez com que este valor mais que duplicasse. No entanto, vale notar que a mobilização das alemãs para o esforço de guerra foi menos completa ou eficaz do que as estabelecidas nas democracias ocidentais.¹⁵

A presença feminina na força de trabalho se caracterizou como um investimento no futuro, pois ganharam importância e poder dentro da família. Elas passaram a exercer controle na sociedade do pós-guerra, apesar de muitas largarem os trabalhos por imposição dos maridos ou para voltar a cuidar do lar e dos filhos. Inclusive, o governo passou a adotar uma nova atitude, criando programas de assistência médica às esposas de soldados, como o *EMIC (Emergency Maternal and Infant Care)*. Esse tipo de programa tinha um caráter diferente do New Deal, que visava auxiliar apenas a classe pobre. Casais jovens e instruídos de classe média passaram a ter acesso a pré-natal gratuito, além de cuidados obstétricos.

Em maio de 1942, o primeiro serviço para as mulheres norte-americanas em tempos de guerra, foi criado: o *Women's Army Auxiliary Corps*. Já em 1943, ele foi suspenso para se tornar parte do exército dos Estados Unidos, passando a ser denominado o *Women's Army Corps*. Sua capacidade máxima foi de 99.000 mulheres trabalhando em quase todas as ocupações militares, inclusive além-mar, exceto para combate. A marinha também teve a participação feminina no trabalho a partir de 1942, com o estabelecimento do *Women Accepted for Volunteer Emergency Service (WAVES)*, que era serviço naval feminino dos Estados Unidos.

A igualdade foi predominante entre homens e mulheres durante os anos de guerra, e isto serviu de estímulo para uma imensa movimentação da população feminina. Slogans e

¹⁵ Análise inspirada em STACKELBERG (2002).

propagandas que mostravam mulheres capacitadas fazendo trabalhos que exigiam força física predominavam naquela época encorajando-as cada vez mais. Inclusive, Eleanor Roosevelt, primeira-dama americana, era um exemplo de uma mulher proeminente naquele tempo.

A realocação do trabalho acontecia, geralmente, de um trabalhador de poucas horas e salários baixos (boa parte das vezes do setor de agricultura do Sul) para centros de produção industrial, onde mais horas eram trabalhadas e o salário mais remunerado. Essas pessoas pobres, vindas do Sul ou da área rural do meio oeste, foram puxadas pelos centros de produção de guerra, como os existentes no meio oeste, na costa do Pacífico e no Sul. No entanto, apesar de passarem a usufruir salários mais elevados, eles estavam longe de estar vivendo no paraíso. Suas condições de vida eram precárias. Tiveram que se acostumar a trabalhar por longas horas diárias, além de terem que aturar moradias lotadas. O que muito contribuiu para a continuidade deste movimento é que havia a esperança nesses trabalhadores de que a guerra era temporária e que esta nova vida era melhor que as condições de pobreza em que se encontravam antes.

A questão racial também se insere neste contexto de realocação do trabalho. As condições sociais e econômicas dos negros melhoraram bruscamente durante a guerra. Milhões se transferiram de trabalhos inferiores ou do desemprego para trabalhos manuais que haviam sido desocupados pelos brancos. Apesar disso, ainda havia preconceito, uma vez que eles eram os últimos a serem contratados por usinas de munições e, geralmente, os primeiros a serem despedidos.

No todo, os negros tiveram a oportunidade, durante a Segunda Guerra Mundial, de demonstrar lealdade à pátria, seja através do trabalho nas indústrias, seja através do serviço militar. Vale notar que apesar de haver carência de homens no início da guerra, os líderes militares permaneceram relutantes em utilizar os negros em combates ou como oficiais. A marinha norte-americana não aceitava voluntários negros, empregando-os apenas para a execução de tarefas servis. Mesmo com a ordem executiva de Roosevelt, em dezembro de 1942, que obrigava todas as forças cessarem as restrições aos negros, o tratamento diferenciado continuou. Apenas no final da guerra é que essa atitude começou a mudar.

Para aumentar ainda mais a produtividade, as empresas ficavam abertas para o segundo turno, e muitas vezes, para o terceiro turno. Os trabalhadores passaram a trabalhar por horas extraordinárias, com um prêmio de 50% do salário pago para aqueles que trabalhavam além das 40 horas básicas.

O ganho com a produtividade foi surpreendente. E boa parte desse ganho se deve aos engenheiros, que redesenharam as ferramentas para serem mais duráveis, versáteis e simples de operar.

Esses recursos adicionais de trabalho permitiram que os Estados Unidos aumentassem de forma substantiva a produção de material bélico sem que diminuíssem a quantidade de trabalho em outros setores, conforme mostra a tabela abaixo.

Composição do aumento da oferta de trabalho dos Estados Unidos

	O aumento do número de trabalhadores	O aumento de horas trabalhadas	Efeitos da realocação de trabalho
1942	24,2	4,6	8,9
1943	33,5	7,4	12,7
1944	35,3	8,0	13,4
1945	32,8	4,1	12,9

Fonte: Rockoff (2000)

Uma questão de extrema importante, sem a qual o êxito norte-americano não seria possível, diz respeito ao financiamento da guerra. Como sabemos, é de senso comum que existem três maneiras principais para se arcar com os sacrifícios de uma guerra: aumentar os impostos, imprimir dinheiro e pegar emprestado. Esta simplificação, que não inclui o sistema bancário, tornaria a contabilidade do financiamento da guerra em algo fácil e minimizaria os erros. Entretanto, o sistema bancário existe e faz com que esta contabilidade seja mais complexa.

Aumentar os impostos era uma medida difícil e que requeria tempo. Há toda uma questão legislativa envolvida, pois era necessária a aprovação do Congresso para elevar os impostos. A forma como seria dada a cobrança do tributo também requeria tempo e é claro, a coleta do mesmo também.

Boa parte do aumento da base monetária se deu por conta da decisão de imprimir dinheiro para financiar a guerra. Vale ressaltar que até antes do ataque a Pearl Harbor, o aumento da base monetária se dava por causa basicamente do aumento nas reservas de ouro do país, que era refúgio seguro para investidores estrangeiros. Porém, quando começou a guerra, o país já não era visto com segurança para o investimento do capital estrangeiro. De fato, a presença do capital estrangeiro cessou e com isso, a entrada de ouro no país também. Isso explica por que a base monetária no ano de 1942 era menor do que nos anos precedentes.

O aumento da base monetária produz fortes pressões inflacionárias. Durante o período de 1943-45, essas pressões foram amenizadas pelo racionamento e controle de preços. O índice de preços subestimava a inflação neste período pelo fato de não ajustarem adequadamente o racionamento, o mercado negro, a deterioração da qualidade e assim sucessivamente. Mas depois da guerra, esses índices superestimavam a inflação porque não ajustaram o desaparecimento do mercado negro, a eliminação do racionamento e o retorno aos níveis de qualidade normais.

Vale notar que com a presença de um sistema bancário que expande os meios de pagamentos além do aumento original na base monetária (efeito causado pelo multiplicador monetário), parte da receita oriunda com a senhoriagem permanecia com os bancos.

Outra forma de financiamento era “pegar emprestado” através da emissão de títulos por parte do governo. Esses títulos eram comprados ou pelos bancos através do dinheiro arrecadado pela senhoriagem ou pelos indivíduos através dos financiamentos tomados nos bancos. Dessa forma, a emissão de moeda e títulos estão interligados. Se aceitarmos que esses títulos foram comprados dessas duas maneiras, podemos chegar às seguintes conclusões apresentadas por Rockoff (2000): 47% do total gasto para financiar a guerra foi do aumento dos impostos, 26% da emissão de moeda (sendo 20% dessa emissão por parte do governo e 6% emissão indireta dos bancos) e 27% da emissão de títulos.

A tabela abaixo mostra exatamente como o gasto governamental com a guerra foi financiado.

Fontes do aumento da despesa do governo dos Estados Unidos, 1942-1945 (percentual do aumento no gasto total em relação ao ano anterior)

	Aumento dos Impostos	Emissão de Moeda	Emissão de Títulos
1942	24,0	41,3	34,7
1943	53,7	27,9	18,5
1944	132,4	-42,3	10,0
1945	12,4	61,5	26,1

Fonte: Rockoff (2000)

Percebemos primeiramente, através da tabela acima, que o aumento dos impostos foi implementado de forma gradual por razões já explicadas acima. Em 1944, a impressão de dinheiro foi retraída por cauda da inflação. Em contrapartida, houve uma elevação substancial nos impostos, enquanto a emissão de títulos ficou estabilizada. Já em 1945, a emissão de moeda reaparece, devido à resistência inesperada de japoneses e alemães.

Havia outras formas de financiamento da guerra. Uma das mais importantes foi a requisição representada pela convocação do serviço militar obrigatório. Como o governo não tinha condições de pagar salários elevados aos que serviam, o serviço obrigatório pôde ser visto como uma forma de o governo obter os recursos necessários sem pagar seus custos. Existiam também os voluntários que trabalhavam (quase de graça). Finalmente, havia os executivos que trabalhavam para o Comitê de produção de guerra (eles eram de uma certa forma doados ao governo), recebendo seus salários não pelo governo, mas pelas empresas onde trabalhavam antes da guerra. É como se essas empresas dessem dinheiro ao governo de forma indireta através dos serviços desses executivos. É claro que muitas dessas companhias recebiam benefícios de longo prazo pela sua “assistência”.

Foram muitas as conseqüências de longo prazo da guerra. Uma das mais evidentes foi a mudança do regime macroeconômico norte-americano. De fato, a política monetária estabelecida durante a década de 30 provou ser ineficaz quando a guerra estourou.

A Teoria Geral de Keynes, apresentada em 1936, convenceu de que o aumento do gasto governamental poderia restaurar e manter o pleno emprego. O pleno emprego, que poderia ser obtido através de política fiscal, se tornou um dos objetivos mais relevantes para o governo a fim de se obter a estabilidade econômica. Assim, muitos economistas norte-americanos se converteram em economistas keynesianos.

Outro efeito da guerra diz respeito à força de trabalho. O efeito negativo foi a grande perda de capital humano ocorrida durante a guerra. Porém, houve o efeito do aumento do investimento em capital humano. A evolução na educação produziu importantes progressos como *GI Bill of Rights*,¹⁶ que acelerou a educação de nível superior. Este projeto de lei providenciava ajuda aos veteranos em diversos aspectos, seja através de cuidado médico, benefícios aos desempregados, na disposição de empregos e especialmente, através da cobertura das despesas de moradias e taxas de instrução para veteranos em escolas ou universidades. Dessa forma, ao mesmo tempo que os veteranos aperfeiçoavam suas habilidades, diminuía a procura de emprego na sociedade, dado que, o mercado de trabalho estava fraco depois da guerra. Cerca de 10 milhões de veteranos, entre 1944 e 1956 (quando o programa acabou), receberam esses benefícios de educação.

As condições do pós-guerra também muito contribuíram para o surpreendente crescimento populacional norte-americano. Isso aconteceu basicamente por causa de um

¹⁶ A sigla GI refere-se a *government issues*. Eram as iniciais do governo norte-americano, que ficavam estampadas nas etiquetas internas dos uniformes dos recrutas. Sarcasticamente, os recrutas imaginavam que a etiqueta determinava que eles próprios eram propriedade do governo.

grupo de pessoas que estavam em idade de formação familiar nos finais dos anos 40 e 50, quando ocorreu o *baby boom*, e que foram criados sob as privações econômicas da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial. Como resultado, as suas aspirações materiais eram baixas. Já a experiência no mercado de trabalho, contudo, eram excepcionalmente favoráveis devido às circunstâncias combinadas de uma prolongada expansão econômica do pós-guerra e a escassez relativa de jovens trabalhadores, relacionado ao período de baixa fertilidade dos anos 20 e 30.

Em conseqüência, essas pessoas usufruíam uma renda relativa elevada se comparada com as suas aspirações materiais. Isso encorajava casamentos precoces e o desejo de ter uma família completa, resultando no *baby boom* que durou até o final da década de 50. Vale notar que durante o período do *baby boom*, mulheres jovens optaram por ter filhos e cuidar deles e do lar, enquanto que as mulheres mais velhas compensavam pelo crescimento da demanda do trabalho feminino, que vinha de uma estável expansão desde a Segunda Guerra Mundial.

Durante os anos 40, outros setores também sofreram com as influências da guerra. A cultura foi remodelada. Curiosamente, a guerra teve um papel mais relevante nos musicais, onde o exército era tema freqüente. A música popular foi tomada por um ar patriótico e militar. Inclusive, a indústria relacionada à música desenvolveu-se abruptamente. Isso aconteceu por causa da enorme audiência obtida devido ao fato de todos estarem sempre “colados” aos seus rádios para terem notícias da guerra. A canção “*God Bless America*”, de Irving Berlin, foi tida como o hino nacional não oficial. A audiência de guerra tinha gosto por música alta e repleta de batidas animadas. Neste cenário, surgiu um dos maiores astros da era pós-guerra: Frank Sinatra. O público também se encontrou diante de uma transformação na literatura. A maioria dos livros era de correspondentes de guerra e políticos. O gosto literário variou, romances de não-ficção ganharam popularidade sobre os demais.

Nesse contexto, vale notar que as antigas grandes potências já não eram mais as mesmas a partir de 1945, todas estavam exauridas pela guerra. A França e a Itália haviam se ocultado, o Reino Unido estava em declínio e o Japão e Alemanha colapsaram. Restavam apenas duas grandes potências, os Estados Unidos e a ex-União Soviética: o mundo se tornara bipolar. Porém, o poderio norte-americano era muito maior que os dos ex-soviéticos, confirmando que os Estados Unidos foram a única nação a se tornar mais rica com a guerra.

Assim, ficou inevitável a criação de uma nova ordem mundial que beneficiasse as necessidades do capitalismo ocidental. Uma série de acordos internacionais foram celebrados entre 1942 e 1946. Houve a conferência de Bretton Woods, também conhecida como conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, realizada de 1 a 22 de julho de 1944. Largamente inspirada em Keynes, tinha como objetivo delinear planos para a cooperação econômica pós-guerra em escala mundial. Para este propósito, ficou formado o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, e logo depois a criação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). No entanto, os países que desejavam obter os recursos para a reconstrução e desenvolvimento de seus países tiveram que acatar as exigências norte-americanas de livre conversibilidade das moedas e da livre concorrência. Outros se afastaram, como foi o caso dos ex-soviéticos.

Existiram ainda uma série de conseqüências econômicas e políticas da guerra, mas que fogem ao escopo deste trabalho. O que nos importa é perceber que sobre o espectro da economia norte-americana, concluímos que a Segunda Guerra Mundial foi, diferentemente dos demais países, positiva pelas razões já apresentadas.

Conclusão

Se a depressão coloriu uma era, certamente a Segunda Guerra Mundial modelou as atitudes de uma nova geração. A economia, política, sociedade, ideologia e cultura norte-americana foram bastante influenciadas por este conflito de caráter global. Cerca de 12 milhões de soldados e marinheiros ao regressarem, vivenciaram mundos completamente diferentes daqueles em que foram criados.

Durante a Grande Depressão, houve deflação, abandono do padrão-ouro e desvalorização da moeda. O comércio mundial diminuiu em um terço. Portanto, boa parte da crise global da década de 30 foi causada pelo mau funcionamento da economia internacional. Vimos que a política do *New Deal* não conseguiu vencer a inércia em que a economia norte-americana se encontrava. O desemprego ainda continua elevado, apesar do PNB ter começado a aumentar no meado desta década.

A recuperação da economia norte-americana só começou a ocorrer no final dos anos 30. Os dois anos antes da entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra se caracterizaram por um período de rearmamento, empreendido para fornecer especialmente ao Reino Unido (através do *Lend-Lease*), e depois à ex-União Soviética, os meios para lutar contra a Alemanha nazista. Esse rearmamento tinha dado novo alento à indústria fortemente atingida pela Grande Depressão.

Com a eclosão da guerra na Europa, Roosevelt se viu obrigado a mudar o rumo de suas políticas, dedicando exclusivamente sua atenção à política externa e à defesa de sua nação, através de políticas de massiva produção industrial. O presidente norte-americano conseguiu desfazer a prejudicial legislação neutralizante e convencer o Congresso de que era do interesse da segurança do país ajudar ao Reino Unido. Mais tarde, verificamos a expansão desta ajuda aos demais países que constituíam e apoiavam os aliados.

Desse modo, os recursos e a mão-de-obra, que antes eram subutilizados, passaram a serem explorados de forma apropriada. Isso aumentou a produtividade da mão-de-obra e a utilização das fábricas para fins militares. Em consequência, a produção industrial se expandiu em ritmos jamais vistos, chegando a mais de 15% ao ano entre 1940 e 1944. Boa parte dessa expansão se deve a produção de guerra, mas não devemos nos esquecer que o setor civil norte-americano não foi prejudicado como em outras nações combatentes, e portanto, a produção de produtos não-bélicos também aumentou.

Assim, entre o final de 1941 e 1945, a economia norte-americana sofreu a mais rápida, maior e mais sustentada expansão jamais conhecida por qualquer outra grande potência. O produto nacional bruto aumentou em 50%, ao mesmo tempo em que a produção para guerra aumentou de 2% para 40% entre os anos de 1939 e 1943, sendo ela, essencialmente financiada pela receita e não por empréstimos.

Para o governo norte-americano, a Segunda Guerra Mundial provou ser uma experiência ambígua. O poder executivo foi acentuado, enquanto o Congresso ficou mais atuante, especialmente na área de política doméstica. O *boom* da guerra acabou com o desemprego e criou “políticas de inflação”, que reduziram o apoio às novas políticas de bem-estar e intensificaram as pressões exercidas sobre o governo pelos interesses dos empresários, dos trabalhadores e agricultores.

Em suma, o que assegurou a vitória norte-americana durante a guerra foram suprimentos e logística. Mais da metade da produção industrial do mundo ocorreu nos Estados Unidos. Ao final da guerra, eles se tornaram os maiores exportadores de mercadorias, sendo os anos que se seguiram ao pós-guerra caracterizados por aumentos significativos em suas exportações. Assim, a Segunda Guerra Mundial mostrou que a capacidade industrial é decisiva para a vitória. Nas próprias palavras do almirante Yamamoto¹⁷, apesar dos Estados Unidos terem sofrido com a Grande Depressão, eles ainda continuavam sendo um gigante adormecido. Gigante este, que despertou em 1939 e nunca mais adormeceu, garantindo a supremacia norte-americana na Segunda Guerra Mundial e nos anos vindouros.

De fato, os Estados Unidos foram compelidos a criar uma indústria permanente de armamentos e material bélico de vasta proporção. O governo norte-americano foi bastante influenciado pelos grandes grupos econômicos e pela estrutura militar, passando a ser dominado pelo *complexo industrial militar*. Expressão esta, inicialmente proferida no ano de 1961, pelo General Eisenhower, em seu discurso de despedida após oito anos na presidência, na qual ele nos prevenia contra este potencial calamitoso do poder mal concentrado.

¹⁷ Comandante-chefe da frota combinada japonesa que planejou o ataque de Pearl Harbor.

Bibliografia

- AMBROSE, Stephen E., *Band of Brothers (Companhia de Heróis)*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- AMBROSE, Stephen E., *Soldados Cidadãos: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e a rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- CHAPMAN, Richard, Government (USA), in DEAR, I.C.B. (ed.) e FOOT, M.R.D., *The Oxford Companion to World War II*, Oxford New York, Oxford University Press, 1995.
- DIVINE, Robert A. e outros, *América – Passado e Presente*, Rio de Janeiro, Nórdica, 1992.
- EASTERLIN, Richard A., Twentieth-Century American Population Growth, in ENGERMAN, Stanley L. (ed.) e GALLMAN, Robert E. (ed.), *The Cambridge Economic History of The United States, Volume III: The Twentieth Century*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- EDELSTEIN, Michael, War and the American Economy in the Twentieth Century, in ENGERMAN, Stanley L. (ed.) e GALLMAN, Robert E. (ed.), *The Cambridge Economic History of The United States, Volume III: The Twentieth Century*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- EICHENGREEN, Barry, *Globalizing Capital – History of the International Monetary System*, Princeton New Jersey, Princeton University Press, 1996.
- GONÇALVES, Reinaldo, Roosevelt bate Hoover: começa o New Deal, in *Coleção O Globo 2000 n°12*, Jornal O Globo, 2000.
- GOODWIN, Doris Kearns, *Tempos Muito Estranhos: Franklin e Eleanor Roosevelt: o front da Casa Branca na Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- HOBBSBAWM, Eric J., *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo, Companhia da Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, Eric J., *A Era dos Impérios 1875-1914*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- KEEGAN, John, *The Second World War*, New York, Penguin Books, 1989.

- KEEGAN, John, *Uma História da Guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- KENNEDY, Paul, *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- KIMBALL, Warren, Lend-Lease, in DEAR, I.C.B. (ed.) e FOOT, M.R.D., *The Oxford Companion to World War II*, Oxford New York, Oxford University Press, 1995.
- LANDES, David S., *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a nossa época*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- MILWARD, Alan S., *War, Economy and Society, 1939-1945*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1977.
- ROCKOFF, Hugh, The United States: from ploughshares to swords, in HARRISON, Mark (ed.), *The Economics of World War II: six great powers in international comparison*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.
- SHERWOOD, Robert E., *Roosevelt e Hopkins: uma história da Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- STACKELBERG, Roderick, *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*, Rio de Janeiro, Imago, 2002.
- TEMIN, Peter, The Great Depression, in ENGERMAN, Stanley L. (ed.) e GALLMAN, Robert E. (ed.), *The Cambridge Economic History of The United States, Volume III: The Twentieth Century*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- U.S. BUREAU OF THE CENSUS, *Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1957*, Washington D.C., 1960.
- VIDOR, George, 'Crash' em Nova York: qualquer semelhança..., in *Coleção O Globo 2000 nº 11*, Jornal O Globo, 2000.